

Este país é uma festa

886L NDC 12

ESTADO DE SÃO PAULO

GAUDÊNCIO TORQUATO

Não é por falta de exuberância festiva que este país fenecerá. Pois um ar de permanente festa é o que não lhe falta. Os discursos, atos, intenções e gestos estão intensamente impregnados de emoção e fervor, revelando os pendores ufanistas da velha alma nacional. As falas governamentais descrevem um país cheio de felicidade e energia, enquanto as decisões dos constituintes não raramente estão carregadas de uma espécie de "condescendência cívica", uma irrefutável demonstração de "ajuda ao próximo" e capacidade de transferir ao Estado o ônus de comportamentos insensatos. Mas tudo parece combinar com o clima fantasmagórico que toma conta do País.

Transformam-se, com facilidade, simples indícios de petróleo e gás em imensas reservas, tão fabulosas quanto as do mar do Norte. Faz-se uma Constituição à maneira de uma maratona olímpica, onde, a cada etapa, se comemoram vitórias, com estardalhaço e, evidentemente, muita farra. Os políticos recolhem-se para descansar durante dez dias, quando todos concordam que a Constituição deve ser apressada. O governo anuncia, num primeiro momento, uma política industrial, liberando a economia e, num segundo momento, passa a dizer que a situação não é bem assim, que as coisas ainda estão sendo estudadas. Sinais de estabilidade econômica chegam até o FMI, mas as medidas internas de combate ao déficit público são tênues. E, na ausência de fatos mais pitorescos, inventam-se novas letras de música para o Hino Nacional. Com concurso e regalias aos premiados.

Neste país-do-faz-de-conta, as coisas estão sempre muito bem. Que o diga o presidente Sarney, para quem a crise só existe na cabeça dos pessimistas e agourentos. Como a verdade tem cinco caras, há quem não concorde com a versão presidencial e prefira defender a opinião de que o País, além de ostentar uma terrível crise, também exibe o título de campeão da hilaridade. E aqui está o segredo. O Brasil compõe sua harmonia política com o dom de encobrir sua face trágica com uma tinteira cômica.

Não é por acaso que os especta-

dores nacionais estão sempre às voltas com cenas de duplo encantamento. As mutações se sucedem e os atos políticos, de trágicos, transformam-se em cômicos. E mesmo as decisões que primam pelo absurdo findam conquistando um viés de comicidade. Alguém duvida que o tabelamento de juros pela Carta Magna é uma coisa engraçada? A greve por qualquer motivo, decisão tomada no primeiro turno da Constituinte, também permite que se tire uma ilação cômica. Para não se falar das próximas votações, quando deverá ser colocado à prova, mais uma vez, o sentimento de compadrismo político, com a passagem de um trem da alegria, dando estabilidade a servidores da União, estados e municípios com cinco anos de serviço, a criação de novos estados (e novas despesas) e o perdão de débitos para os pequenos e médios empresários. Mais parece cenário de Mil e Uma Noites.

Os governos estaduais, como o de São Paulo, com sua farta propaganda, enchem televisões, rádios, jornais e revistas, com uma linguagem repleta de ficções, numa eloquência jamais alcançada em outros tempos. Até a outrora calada Minas Gerais, que trabalhava em silêncio, patrocina, por meio de seu governador gorducho e falastrão, uma campanha de exaltação à unidade territorial. Na Bahia, a festa é a do casamento de Gilberto Gil, que também adota o discurso do faz-de-conta, arrumando a papelada para quebrar as resistências das tradicionais línguas baianas.

É claro que essa festança política, de muita encenação e farta enrolação, não pode ser comparada com a verdadeira festa do povo. A festa pelos 80 anos da imigração japonesa, a festa do Maguila quando põe na lona o adversário, a festa do Sena na Fórmula-1. Não se pode comparar o grito de "Bravos" que a platéia oferece a um Juca de Oliveira, quando encena Meno Male, uma crítica aos costumes políticos, com o "Bravos" tragicômico ao presidente Sarney, em Nova York, gritado por um deputado mineiro, que, possivelmente interessado num ministério, quis transportar o tom festivo do Congresso Nacional para o sisudo ambiente da Assembléia das Nações Unidas. De qualquer maneira, pouco adianta chorar.

Gaudêncio Torquato é professor de marketing político da Universidade de São Paulo.